

EDITORIAL

Dizem que, em parte da sociedade gaúcha e à boca pequena, criou-se um mito nos últimos anos de que o arrozeiro gaúcho reclama demais. De certa forma, o presidente da Comissão do Arroz da Farsul, Francisco Schardong, respondeu a possíveis críticas do gênero ao declarar que a 28ª Abertura Oficial da Colheita do grão será um muro “de projetos”, e não de “lamentações”.

A verdade é que, se reclamações são recorrentes num setor da economia, é sinal claro de que alguma coisa não vai bem. Ou várias coisas, como parece ser o caso. É simples assim: movimentações da produção volta e meia aparecem porque as crises também não dão descanso. E a mais recente delas veio avassaladora como poucas vezes antes.

Como ficar calado frente a uma redução de 24% na remuneração do arroz de um ano para o outro? Difícil imaginar que qualquer trabalhador brasileiro aceitaria de bom grado receber um quarto a menos do salário durante 12 meses. Mais ainda sabendo que, no mesmo período, entregou um dos melhores trabalhos de sua história, praticamente inigualável no mundo. Para quem não sabe, a produtividade média do arroz na safra passada foi de 7.914 quilos por hectare no Estado, numa área de mais de 1 milhão de hectares.

Às vésperas da colheita, em plena entressafra, os preços praticados do arroz não cobriam o custo de produção variável, que não leva em conta depreciação, valor da terra e remuneração por capital investido. Estoques de aproximadamente 1,2 milhão de toneladas do produto no mercado interno pressionam para baixo as cotações. Além de tudo, a indústria - no seu direito, mas talvez não no dever, considerando que sem arrozeiro para plantar ela não sobrevive - compra produto importado, sobretudo do Paraguai, buscando as maiores margens possíveis. E o produtor vive apreensivo: a nova safra será colhida, os alongamentos de custeio estão vencendo, é preciso aceitar comercializar o produto armazenado, se ainda não o fez, a valores irrisórios.

Do olho do furacão, o Sistema Farsul cumpriu o seu papel como entidade: minimizar o impacto das crises ao produtor, nas palavras de seu novo presidente, Gedeão Pereira. Foi a Brasília buscar leilões que ajudem a escoar os estoques para fora do Brasil e, pela solidez com que apresentou o plano, ganhou garantias imediatas de que serão aplicados até o início da colheita. Vale lembrar que PEP e Pepro são mecanismos de apoio à comercialização técnicos e de direito, e não benesses oportunistas, porque têm como critério o preço mínimo estipulado há meses.

Sem dúvida, foi uma vitória para o meio rural, visto que gerou reflexos positivos no mercado antes mesmo da concretização dos pregões. Porém, o setor tem plena consciência de que essa é uma medida paliativa. Seguirá atacando os verdadeiros gargalos que cada vez mais comprometem a lavoura rizícola brasileira: os altos custos de produção em relação a concorrentes do Mercosul, por conta de uma política protecionista aos fornecedores de insumos e a extrema burocracia na importação de produtos, e a elevada e recorrente tributação brasileira.

Gafanhotos e muitas lutas

Blau Souza*

Há cem anos, em dezembro de 1917, virou notícia de jornal: Trem descarrilou e tombou fora dos trilhos próximo de Pedras Altas por causa dos gafanhotos. A oleosidade dos insetos acumulados e esmagados lubrificara por demais os trilhos do trem... Na minha infância convivi com as chamadas nuvens de gafanhoto. Tal era a quantidade de insetos voando, que encobriam o sol, trocavam o dia pela noite. E no solo a destruição era a regra. Não sobravam folhas nos arvoredos, nem lavoura ou pastagem. Até as cascas das árvores eram atacadas. E permaneciam por muito tempo as consequências do ataque. Lembro que minha mãe deixava de utilizar os ovos da casa por algumas semanas, pois o gosto do “óleo de gafanhoto” permanecia por alguns dias após a ingestão dos insetos pelas galinhas. As soluções caseiras passavam por bater latas, jogar água quente, usar vassouras ou ramos de árvores; sempre com os olhos semicerrados, boca fechada e respiração curta para evitar a penetração de insetos nos corpos dos combatentes. Restavam pequenas satisfações como evitar o ataque às roseiras ou às ervas utilizadas para chá. A praga é bíblica e está na origem de algumas das fomes agudas e generalizadas que se repetiam através dos séculos para desespero da humanidade. Ainda ao revisar tese sobre o assunto no Primeiro Congresso Agrícola do Rio Grande do Sul (1908),

verifiquei que era preconizado o uso do fogo para controlar a praga na fase em que os insetos apenas saltavam, não voavam. Esta foi uma das poucas teses daquele histórico encontro que perderam a atualidade por completo.

Estou falando sobre gafanhotos e fenômenos naturais para fazer o elogio do homem quando toma a peito a defesa da natureza, mas sem deixar de alterá-la de forma decisiva quando necessário. Venenos, os defensivos agrícolas, acabaram com as nuvens de gafanhoto e muitas

Houve tempo em que as grandes dificuldades eram comparadas às pragas e, nesse sentido, Carlos Sperotto, ao longo de muitos anos, lutou contra inúmeras “nuvens de gafanhoto”. Mas o fez como líder de produtores rurais diferenciados, carregados de história, tradição e conhecimento.

outras pragas. Também os códigos genéticos de plantas e de animais foram alterados pelo homem em busca de alimentos saudáveis, abundantes e mais resistentes a predadores e adversidades. Claro que houve e há excessos, mas a preservação da natureza e a felicidade dos homens sempre exigiram posicionamentos firmes em momentos cruciais. Cientistas de todo o mundo buscam soluções, mas elas serão ou não aplicadas dependendo da liderança dos setores responsáveis pela produção de alimentos. E tanto aí, como no trato de reforma agrária ideológica

na base dos “sem terra” e das “ocupações”, não faltou liderança aos produtores gaúchos. Carlos Sperotto, com a coragem e a argumentação dos predestinados, jamais fugiu ao debate. Certo de que defendia a boa causa, mostrou o quanto o campo avança quando há tecnologia, planejamento e paz. Sempre defendeu a Farsul dos grandes, dos médios e dos pequenos produtores, e sempre esteve disponível para defendê-los, sem descanso. E como era bom sentir o seu entusiasmo a cada Exposição de Esteio, quando usava a tribuna para dizer verdades, fazer cobranças e reclamar recursos às autoridades de todas as esferas. Ficou inapagável sua imagem, encharcado, botas atoladas no barro, fazendo a entrega de prêmios a vencedores do Freio de Ouro em tarde de muita chuva. Apaixonado pela vida e pelo trabalho errava como qualquer ser humano, mas ninguém o batia na luta contra homens, estruturas e políticas quando ameaçavam o campo e a produção rural.

Houve tempo em que as grandes dificuldades eram comparadas às pragas e, nesse sentido, Carlos Sperotto, ao longo de muitos anos, lutou contra inúmeras “nuvens de gafanhoto”. Mas o fez como líder de produtores rurais diferenciados, carregados de história, tradição e conhecimento suficientes para acatar conquistas científicas e tecnológicas que ele jamais ignorou ou deixou de defender.

*Médico e escritor

EXPEDIENTE

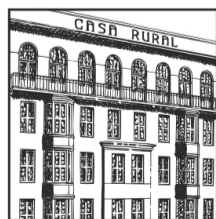
SISTEMA FARSUL



Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul



Rio Grande do Sul



CENTRO DO AGRONEGÓCIO

FARSUL

Presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Vice-presidente:
Elmar Konrad
Diretor Administrativo:
Francisco Lineu Schardong
Diretor Financeiro:
Jorge Rodrigues

SENAR-RS

Presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Superintendente:
Gilmar Tietböhl
Divisão Técnica:
João Augusto Telles
Divisão de Arrecadação:
Saulo Gomes
Div. Administração e Finanças:
Valmir Susin

JORNAL SUL RURAL

Diretor: Décio Rosa Marimon
Jornalista responsável:
Sebastião Ribeiro (MTb/RS 11.009)
Fotos: Tiago Francisco,
Gerson Raugust e Arquivo
Colaboração: Alessandra Bergmann
e Samuel Lima
Circulação Mensal
Tiragem: 35.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400
Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90050-390